

“O QUINZE” À LUZ DA CRÍTICA SOCIOLÓGICA: POSSIBILIDADE DE LETRAMENTO LITERÁRIO

Autor: Danielle Ribeiro Soares¹

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

E-mail: danielle_ld@hotmail.com

Resumo: O texto objetiva refletir acerca do papel da literatura na formação dos sujeitos e apresenta uma proposta para a leitura do texto literário a fim de que seja tomado como instrumento para a formação crítica dos alunos-leitores. Mostra a literatura a partir de um olhar social e representativo da realidade. Reflete que o texto literário é instrumento conscientizador e por isso devemos compreendê-lo como uma prática social. Desse modo, é responsabilidade da escola, principal agência de letramento, promover essa prática de leitura. Logo, é preciso mostrar ao aluno, que o texto literário reflete atitudes da consciência individual e coletiva do tempo e espaço no qual é construído. A leitura de modo significativo pode promover práticas de letramento, a fim de que o texto forme leitores mais críticos e conscientes de sua realidade social. O método baseia-se numa pesquisa de cunho exploratório e parte da leitura e análise do romance de Raquel de Queiroz – “O Quinze”. A proposta discorre acerca das temáticas, muitas de resistência enfrentadas até hoje. Raquel tece a história em torno de dois planos narrativos principais: o social e o individual. Fome, miséria, morte, exploração do povo nordestino, injustiças e desigualdades sociais são alguns dos temas sociais recorrentes e denunciados na obra. Isso mostra que a literatura atua como um instrumento que estabelece diálogos com o passado, podendo mudar os modos de pensar e agir do presente. Ancora-se nas lentes teóricas da Sociocrítica de Candido (2008); Silva (2010); Bordini e Sanseverino (2003).

Palavras-chave: Ensino, leitura, literatura, formação crítica, sociedade.

INTRODUÇÃO

Todo texto que se produz nas instâncias sociais, sejam elas quais forem, é produzido por conta de necessidades individuais ou coletivas. As necessidades de produção de textos podem e devem variar. No que concerne aos usos da linguagem para a produção de textos, percebemos que a fim de que estes não resultem em um produto pronto e fechado em si mesmo, é preciso que sejam produzidos sob determinadas condições de produção. Estas, envolvem contexto social e histórico, bem como experiências dos sujeitos envolvidos no processo de produção e recepção do texto. Depois de produzido, o material escrito deve servir como um instrumento que cumpra socialmente um propósito. Para este trabalho discorreremos a respeito da produção e funcionalidade social de um texto em particular: o literário.

Cientes de que o texto literário requer um nível de utilização diferenciado da linguagem, partimos então à observação de que há todo um trabalho e preocupação do escritor desse tipo de texto com as palavras e com a maneira como elas serão dispostas para a composição textual.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores – PPGFP.

Para Guimarães Rosa, o escritor, ao assumir o ato de escrever, adquire uma grande responsabilidade, pois o bom escritor, segundo ele, é o arquiteto da alma.

Diante disso, surge-nos a indagação: ao texto literário caberia, então, apenas a função de apresentar uma escrita diferente de uso das palavras? À literatura caberia somente a apreciação da leitura e da linguagem criativa da qual se utiliza o escritor? Responder que sim para estes questionamentos é resumir e insignificar o texto literário, reduzindo-o ao caráter de texto como produto de consumo, que não requer mais do que uma leitura superficial para fins avaliativos ou apreciativos, quanto ao seu valor estético. Defendemos a ideia de que o texto literário e a literatura têm um caráter muito mais rico e amplo na construção social dos sujeitos, pois são instrumentos que promovem reflexão e criticidade.

Após estas primeiras exposições, o objetivo central deste trabalho é refletir acerca do papel da literatura na formação dos sujeitos. Desse modo, apresenta uma proposta para a leitura do texto literário, com uma abordagem à luz da Crítica Sociológica, a fim de que ele seja tomado como instrumento para a formação crítica dos alunos-leitores, no ensino de língua. Teremos como objeto de análise o romance de Raquel Queiroz – *O Quinze*. Nossa análise, debruça-se numa visão de leitura, que elege o texto literário, a fim de que seja visto como instrumento promovedor de reflexão e criticidade, e que contribui para a formação de um leitor crítico.

O lastro teórico que fundamenta esta proposta está ancorado na teoria da Crítica Sociológica (ou Sociocrítica) e nos seus conceitos sobre a literatura, a partir das contribuições de Candido (2008); Silva (2010); Bordini e Sanseverino (2003), dentre outros. Estas teorias mostram a literatura a partir de um olhar social e representativo da realidade, uma vez que pondera, a partir de uma ótica, que elenca o texto literário como um instrumento conscientizador. Traremos, também, contribuições de Souza e Cosson (2011), os quais discorrem acerca da importância de promover um letramento literário na sala de aula, uma vez que reconhecemos que é responsabilidade da escola, principal agência de letramento, promover essa prática de leitura. Diante disso, é preciso mostrar ao aluno, que o texto literário reflete atitudes da consciência individual e coletiva do tempo e espaço no qual é construído. Do ponto de vista social, a leitura pode assumir um caráter dinâmico e atuar como um objeto simbólico, situado em um contexto histórico, carregado de significados e polissemia. Nessa perspectiva, o texto literário, quando é tomado como objeto de ensino nas aulas de língua portuguesa, é aberto a discussões e a leitura é produtora de sentidos.

A leitura de modo significativo pode promover práticas de letramento, a fim de que o texto forme leitores mais críticos e conscientes de sua

realidade social. A importância da leitura é enfatizada por Manguel (1977, p. 27) quando discorre que “está na leitura o alicerce para uma sociedade letrada”.

Para colaborar com a aplicação prática da teoria Sociocrítica e com o método de análise foi escolhido o romance da escritora modernista Raquel de Queiroz: *O Quinze*. A obra de cunho regionalista apresenta o retrato da grande seca ocorrida no ano de 1915 no sertão do Ceará. Ao abordar a temática da seca e escassez de chuvas no nordeste cearense, Raquel a utiliza como pano de fundo para outras histórias que vão ingressando dentro da narrativa no intuito de fazer denúncias sociais, as quais são marcas presentes do início ao fim da obra. A fim de trazer à tona o tom denunciativo, veremos que no romance *O Quinze*, Raquel tece toda a história em torno de dois planos narrativos principais: o social e o individual.

No plano social, discorreremos a partir da figura do retirante Chico Bento. Este, juntamente com sua família, traça um percurso bastante trágico ao partirem de sua terra natal, no agreste sertão, rumo ao Amazonas em busca de melhores condições de vida. Outras questões sociais, também importantes, são trazidas por Raquel, a saber: fome, miséria, morte, exploração do povo nordestino, injustiças e desigualdades sociais.

No plano individual, destacar-se-á o drama entre Vicente e Conceição, drama este, que impossibilita haver uma comunicação e uma concretização do amor entre ambos.

Através dessa obra e das teorias que a embasarão, pretendemos mostrar como a literatura e a sociedade estão intrinsecamente relacionadas e que não há como desconsiderar, quer na produção, quer na leitura de um texto literário, todo o entorno sócio histórico no qual se inserem o autor e sua obra.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – *O Quinze*: breve resumo – plano social e individual da obra

Publicado em 1930, o romance da segunda fase do modernismo brasileiro, *O Quinze* de Raquel de Queiroz, retrata a grande seca que assolou o Ceará no ano de 1915. A obra inicia-se com a exposição da triste situação pela qual passam os nordestinos da época, com destaque para o espaço no qual se desenvolve grande parte da narrativa histórica: Quixadá – Agreste Sertão do estado cearense. A ausência das chuvas, a impossibilidade de sobrevivência em meio à escassez de recursos impulsiona o êxodo de alguns moradores do lugar, a exemplo de Chico Bento e sua família que partem em busca de melhores condições de vida no Amazonas.

Conceição e Vicente são os primos que nutrem entre si um sentimento de amor, porém as circunstâncias e/ou as diferenças culturais e sociais não permitem a realização deste. De família mais abastada,

(83) 3322.3222

contato@conbrale.com.br

www.conbrale.com.br

herdeira de terras e da fazenda Logradouro, ela é a neta estimada de Mãe Nácia. Moça de trato refinado e dedicada a leituras de cunho feminista e socialista, prefere o trabalho ao casamento, mesmo que seja para atender aos anseios da querida avó, a qual não vê com bons olhos a insubmissão da moça aos costumes da época.

Vicente é o jovem humilde e sem estudos que, a fim de garantir a sua sobrevivência e a de sua família, vive em função da fazenda e de cuidar dos animais. Trabalha duro desde os quinze anos, de sol a sol e quase sem recompensa.

A partir da impossibilidade de permanência nas terras áridas do sertão cearense, Conceição e sua avó, bem como Chico Bento e sua família, vão partir. É durante esse percurso que outras histórias de luta pela sobrevivência, de fome, de miséria, de morte e descaso social vão emergindo dentro da narrativa maior.

Tom de denúncia social, frente ao descaso por parte dos governantes com os menos favorecidos, é marca presente n' *O Quinze*. Entretanto, podemos encontrar marcas de um povo solidário e humano, apesar da indisponibilidade de bens materiais. É perceptível em alguns personagens a manifestação de um espírito solidário, bem como a partilha dos bens com os mais necessitados.

A figura do personagem Vicente parece evocar a representação do povo nordestino que apesar da seca e do sofrimento, permanece lutando em sua terra, nutrindo assim a esperança de dias melhores.

Já o personagem Chico Bento, enseja-nos compreender a saga de outra representação do povo nordestino, aquela que parte para outras regiões do país em busca de oportunidades de sobrevivência, quando estas não estão mais à disposição na sua terra natal.

Em Conceição, podemos encontrar também a representação da figura feminina que não está mais a serviço de atender aos costumes patriarcais e sociais denotados à mulher. Ela é a figura da mulher moderna em transformação que adquire agora um “pensar por si, [...], criara para o seu uso ideias e preconceitos próprios, às vezes largos, às vezes ousados” (QUEIROZ, 2016, p. 14). Situa-se numa posição que reage contra a dependência e a inferioridade condicionada a mulher pela sociedade da época. Em oposição a esta nova condição feminina há a figura da avó de Conceição: Mãe Nácia, a qual retrata ainda a guarda dos valores e costumes da sociedade patriarcal. Existem ainda outras personagens, a exemplo de Cordulina e sua irmã Mocinha, ambas são retratos da mulher que ainda se submete (in)voluntariamente ao estado de subserviência e aos dogmas impostos socialmente à condição feminina.

OS “MODOS DE LEITURA” D’O *QUINZE* A PARTIR DA CRÍTICA SOCIOLÓGICA

Para atendermos ao objetivo principal deste trabalho, que é refletir acerca do papel da literatura na formação dos sujeitos. Apresentamos uma proposta de leitura do texto literário, à luz da Crítica Sociológica, a fim de que ele seja tomado como instrumento para a formação crítica dos alunos-leitores, no ensino de língua.

Optamos por analisar o texto literário sob o viés de uma corrente analítica que procura observá-lo em sua magnitude histórica e social – a Crítica Sociológica. Desse modo, trataremos inicialmente o conceito adotado por Silva (2010, p.177) do que vem a ser essa corrente. Para a autora, a “crítica sociológica é aquela que procura ver o fenômeno da literatura como parte de um contexto maior: uma sociedade, uma cultura”. Este conceito inicial oferece-nos a possibilidade de validar o objetivo já levantado.

Por meio da teoria Sociocrítica podemos pensar a literatura não apenas como criação estética, fruto de inspiração do artista. Mas sim, como criação que pertence não ao artista de maneira isolada, mas ao contexto e a tudo o que há em seu entorno. De acordo com Barberis (1996) apud Silva (2010, p. 178):

O papel da crítica sociológica é justamente, fazer com que cada leitor comece a observar o mundo que nos cerca e perceba, aos poucos, que nossos hábitos, crenças e valores não surgiram ‘naturalmente’, nem são eternos. A partir daí, começamos a entender que muito daquilo que nós julgamos ‘verdade absoluta’ não é bem assim; que a sociedade que nos cerca já foi diferente do que é hoje, e que pode e deve mudar ainda mais [...].

No romance *O Quinze* é possível perceber que sua construção dialoga perfeitamente com o exposto pela autora, pois permite ao leitor conhecer a realidade na qual foi escrito por meio da exposição de situações e da representação dos personagens. Cada um deles representa uma parte da história.

Quando Mãe Nácia repreende a neta Conceição que insiste em não casar, pois prefere lutar pela conquista de seu espaço através da dedicação ao trabalho, não é simplesmente a voz de Mãe Nácia que ecoa. O que há posto por Raquel de Queiroz é a tentativa de chamar a atenção para a mulher brasileira, em especial a nordestina, de que é preciso se insurgir contra os ditames sociais a ela impostos. Ditames estes que impositivamente delegavam à figura feminina o papel de ocupar-se única e exclusivamente do casamento, marido, lar e filhos. Dado que se a mulher optasse por não casar, isto poderia não ser visto com bons olhos pela sociedade. Neste sentido, observa-se que atender aos anseios coletivos era mais importante que a realização própria. A única verdade válida era a apregoada pela sociedade. A consciência individual era fruto da consciência socialmente manipulada.

No romance, não é só o retrato da grande seca de 1915 que é trazido por Raquel, ele é pano de fundo para que outras histórias venham à tona. A própria caracterização de alguns personagens, inclusive na sua maneira de vestir, é a caracterização do povo nordestino, da gente que sofre com a estiagem, com a fome e a miséria, mas que mantém a esperança de dias melhores – a esperança personificada através da aguardada chuva do sertão.

Na obra, podemos notar como o homem no sertão é caracterizado, através da figura de Vicente: “todo dia a cavalo, trabalhando alegre e dedicado. Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude” (QUEIROZ, 2016, p. 21). A voz do narrador retrata um pensamento muito comum de algumas classes sociais: o de que o homem do campo é inculto, incapaz de demonstrar delicadeza, justamente porque não tem estudos. A própria mãe de Vicente reproduz esse pensamento quando numa certa ocasião festiva em casa de pessoas importantes, ela sente-se envergonhada de ver adentrar ao ambiente em que estão, o filho: [...], a pobre senhora sentiu os olhos cheios de lágrimas, e ficou chorando pelo o filho [...], que não se envergonhava da diferença que fazia do irmão doutor e teimava em não querer ‘ser gente’ (QUEIROZ, 2016, p. 21-22).

Nota-se que a condição do irmão de Vicente é motivo de honra e orgulho para a mãe, enquanto o fato do jovem ter escolhido ser vaqueiro é motivo de desprestígio. Vicente escolheu não querer ‘ser gente’. O discurso que percebemos na fala da mãe de Vicente é o discurso da supervalorização do lugar social da classe burguesa, a que detém os meios e os atributos necessários a progressão social. Enquanto que Vicente por ter escolhido ser “somente um vaqueiro” é a expressão da classe subalterna que não tem estudo nem o conhecimento necessário para sair da condição de status-quo. O paradoxo que percebemos é que é, justamente, a profissão do jovem Vicente que sustenta a família.

Lukács (2003) em sua crítica literária vai esboçar, conforme Silva (2010, p. 179), “uma visão do mundo como luta de classes [...]”. Para este autor, o romance literário é o reflexo do social e de como se estrutura a sociedade a partir da expansão capitalista e dos interesses humanos advindos desta. Para ele, o capitalismo à medida que se expande, promove não apenas o desenvolvimento material da sociedade, mas ele promove também a degradação dos valores humanos, influenciando a promoção do individualismo. E tudo isto revela-se e é refletido na literatura, já que ela é parte integrante desse contexto social. Como prova das afirmações postas por Lukács (2003), temos isso também em outra passagem do romance:

- Meu senhor, pelo amor de Deus!
Me deixe um pedaço de carne, um

(83) 3322.3222

contato@conbrale.com.br

www.conbrale.com.br

taquinho ao menos, que dê um caldo para mulher mais os meninos! Foi para eles que matei! Já caíram com a fome!...

- Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha! (QUEIROZ, 2016, p. 72).

Esse momento constitui um dos mais tensos do romance. Chico Bento e sua família percorriam o caminho. O trajeto é feito a pé pelos, agora, retirantes. Apenas uma burra serve como meio de locomoção para carregar os poucos pertences da família, ou, um e outro menino que, por vezes, cambaleava no caminho.

Josias, um dos filhos de Chico Bento, acabara de morrer por conta de ter ingerido mandioca crua, pois tamanha era a fome porque passava não só aquela criança. Igualmente um animal, o menino é enterrado à beira da estrada, dois paus em forma de cruz, sinalizam que ali jaz um ser. Sem nome, sem túmulo, sem história para os que passassem por ali. Porém, para seus parentes que precisam seguir viagem, a história é dolorosa, miserável. Outro fato triste envolvendo a mesma família de retirantes ocorre. Ao prosseguir pelo caminho, a família de Chico que já vinha há dias sem pôr nada na boca encontra uma cabra e vê ali a oportunidade de saciar sua fome: “De repente, um *bé!*, agudo e longo, estridulou na calma. E uma cabra ruiva, nambi, de focinho quase preto, estendeu a cabeça por entre a orla dos galhos secos do caminho [...]” (QUEIROZ, 2016, p. 70-71).

A fome daquela gente é tanta, que Chico Bento esfola ali mesmo o animal. Porém, para desastre daqueles infelizes, aponta o vaqueiro, dono da cabra. Em fúria o homem se nega a ouvir os motivos que levaram Chico a cometer tal ato: roubar para matar a fome sua e de sua família: “Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado!” (QUEIROZ, 2016, p. 71).

A indiferença, a raiva e o desejo de proteger seu bem material – o animal, agora morto – é maior que qualquer sentimento de compadecimento e solidariedade para com Chico e sua prole. O andarilho suplica de joelhos, jogado ao chão e em lágrimas, roga ao vaqueiro que o perdoe, pois foi para acabar com a fome dos seus, que agira daquele modo. O homem irredutível, arrebatou o animal e atira-lhe ao chão apenas as vísceras do animal: “Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais! ...” (QUEIROZ, 2016, p. 73).

Não há como negar o caráter social e político da obra de Queiroz (2016), a qual nos chama a atenção e nos convida a refletir sobre as condições em que viveu e ainda vive parte da população brasileira em determinadas regiões do país que são menos assistidas pelos governantes. A saga que o personagem Chico percorre não se encerra no âmbito ficcional do texto, ela perpassa-o.

É a peleja do homem do sertão que luta para não morrer de fome, que se humilha por um bocado de comida e se submete às mais variadas situações, somente para ter a garantia do seu sustento bem como o de sua família.

Os fatores sociais e psíquicos que atuam sobre o personagem, levando-o a tomar certas atitudes frente à situação caótica, são elementos que para a Crítica Sociológica funcionam como “elementos responsáveis pelo aspecto e significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel, [...] em que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra” (CANDIDO, 2008, p. 15).

Se fôssemos considerar no romance apenas o aspecto interno, linguístico e estético, como, pois, poderíamos compreender que *O Quinze* não é só composto por palavras formadas e bem estruturadas esteticamente por um autor? Se priorizássemos, apenas, a parte subjetiva do autor e observássemos como sua consciência se materializou na obra? E se o autor fosse o que Bakhtin conceitua como autor monológico? Em que o romance,

do ponto de vista ideológico, apresenta ao leitor um bloco maciço de ideias, sem brechas que permitam questionamentos, ou seja, não levam o leitor a duvidar das ideias que orienta as opiniões do narrador, em geral veiculadas como ‘verdade’? (SILVA, 2010, p. 181)

O que se observa no romance *O Quinze* é justamente o contrário do conceito de autoria monológica posto por Bakhtin. O que se percebe é a presença de outro tipo de autor também desenvolvido por Mikhail Bakhtin: os autores polifônicos. Neste conceito, estes tipos de autores são aqueles que:

Ao colocarem falas na boca dos personagens, criam a possibilidade de que elas discordem totalmente dos valores, visão de mundo e ideologia do narrador. A voz do narrador torna-se apenas uma entre muitas, e o desafio desse tipo de autor é, como na música, harmonizar as vozes diferentes num todo coerente” (SILVA, 2010, P. 182).

Um exemplo desse tipo de autor pode ser observado, através da figura de Conceição:

- A Chiquinha me contou também uma coisa engraçada...Engraçada não, tola... Diz que estão falando muito do Vicente com a Josefa do Zé Bernardo... A avó levantou os olhos: Eu já tinha ouvido dizer... Tolice de rapaz! [...]
- Tolice, não senhora! Então Mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras?
- Minha filha, a vida é assim mesmo... Desde que o mundo é mundo... Eu até acho os homens de hoje melhores.
- Pois eu não! Morro e não me acostumo! (QUEIROZ, 2016, p. 66).

Esse momento de diálogo entre Conceição e Mãe Nácia, nos diz muito sobre algumas condições impostas, na época, às mulheres. Conforme

(83) 3322.3222

contato@conbrale.com.br

www.conbrale.com.br

já mencionamos, no início deste trabalho, Conceição nutria pelo primo Vicente grande admiração e carinho. Já havia tido algumas desilusões amorosas em namoros passados. Desse modo passou a dedicar-se somente às leituras de cunho feministas e socialistas. Mãe Nácia rejeitava, contestando sempre essa posição decididamente assumida pela neta. Segundo a avó, a mulher nasceu para casar, ter filhos, ser dona-do-lar. Temos aqui a reprodução do discurso histórico que permeia a sociedade da época a qual já mencionamos.

No entanto, a figura atuante de Conceição no romance, representa justamente a inversão desses dogmas vigentes. Nesse diálogo ocorrido entre Conceição e Mãe Nácia, a jovem mostra-se inconformada com o fato de Vicente (apesar de solteiro) andar “se sujando” com negras. Ela repudia tal atitude, porém a avó vê como uma normalidade que é praticada por todos os homens e cabe à mulher, solteira ou casada, apenas aceitar, sem contestação. Temos nessa passagem, dois tons denunciativos na fala da personagem:

O primeiro diz respeito a dominância do homem branco sobre o negro, da diferença racial que predominava na época, bem como da diferença de classes. A classe burguesa ou as mais abastadas não deviam se misturar com as classes inferiores. Porém, mesmo Vicente não pertencendo à burguesia, mas pelo o fato de ser branco, dispunha da legitimação social de exercer domínio. Conceição contesta o fato de ele sendo branco, sujar-se (manter relações íntimas) com uma negra. “- Mas, minha filha, isso acontece com todos... Homem branco, no sertão [...]” (QUEIROZ, 2016, p. 66).

Se observarmos o plano individual e afetivo da personagem, quando ela descobre o fato de que Vicente anda mantendo relações sexuais com uma negra, ela prontamente se revolta e podemos presenciar em sua fala um discurso até preconceituoso quando menciona que o moço está a se “sujar” com uma negra, já que ele é moço branco e de família. Nessa passagem, percebemos que na representação individual Conceição ainda reproduz estigmas sociais com relação à figura do negro.

O segundo tom denunciativo de que falamos e que pode ser encontrado no diálogo que expusemos entre Mãe Nácia e Conceição é a subserviência que a mulher deveria ter; em aceitar que o comportamento do homem se deitar com várias mulheres é considerado normal, inclusive se o mesmo fosse casado. Mãe Nácia por já provir de uma formação patriarcal reproduz o mesmo discurso em suas ações e em seus conselhos a neta, acha que tudo está dentro dos limites da normalidade. Que as coisas são do modo que são, porque a história já está dada, já foi convencionalizada à mulher, ser assim. E para esta não há o que mudar, apenas aceitar. Porém, Conceição, como representante da classe feminina que

buscava assegurar seus direitos e conquistar seu espaço na sociedade sem sofrer discriminação, rejeita o título de condição determinada. Logo, no plano social desta passagem, a personagem Conceição cria possibilidades de leituras para o leitor. Ela, ao assumir o caráter e o conceito de polifonia, desenvolvido por Bakhtin, pode fomentar no leitor capacidades de reflexão e formação crítica acerca dos costumes, valores e visão de mundo. Conduzindo-o então a questionar que: se as crenças ou os valores não são eternos, podem ser historicamente mudados, já que nada está previamente determinado ao indivíduo.

O Quinze: Possibilidade de Letramento Literário

Conforme observamos, a Sociocrítica nos permite perceber como a leitura literária pode ser significativa, uma vez que nos oferece a possibilidade de enxergar não apenas a superficialidade do texto. Por meio dessa teoria, observamos vários “modos de ler” o romance. Enxergamos que o pano de fundo em que a obra é tecida – A Seca de 1915, não é uma simples narrativa de um fato isolado, há todo um discurso que perpassa o evento.

Souza e Cosson (2011, p. 102) alertam que “o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar”. Para o letramento efetivo em sala de aula, urge-se a necessidade de proporcionarmos aos alunos reflexões acerca de questões históricas e teóricas, assim como propomos a partir da teoria da Sociocrítica. Fomentar o hábito da metaleitura, a qual conduza o alunado a aprender analisar e falar sobre a literatura, identificando, dentre as dimensões constitutivas do gênero em questão, o Conteúdo Temático, o Plano Global da obra, as Condições de Produção e não se deter somente ao Estilo. Promover a dialeticidade entre textos antigos e modernos ou contemporâneos, priorizando no estudo da diacronia literária o que é relevante por seu significado e legado cultural para a sincronia (contexto atual em que o aluno está inserido). Após a leitura de O Quinze, o professor poderia solicitar a leitura de Vidas Secas (Graciliano Ramos) e em seguida, conduzir os alunos a estabelecer vários “modos de leitura” entre os romances. Outro caminho para o letramento literário, é o da promoção de leituras intersemióticas, isto é, do diálogo entre obras literárias e demais obras artísticas, sejam do mesmo período ou não (LUNA e MARCUSCHI, 2015).

Desse modo, ao eleger a leitura de qualquer texto literário para ser ensinado na sala de aula, o primeiro cuidado que o docente deve ter é quanto aos procedimentos que irá adotar para realizar a atividade. Uma questão a se observar é que não é interessante fragmentar o trabalho, oferecendo aos alunos, apenas, “partes” do texto, as

quais não oferecem, aos mesmos, o entendimento do plano global da obra.

A leitura além de fragmentada, torna-se deficitária, e isso impossibilita uma prática eficaz, quando se deseja desenvolver uma perspectiva de letramento a partir da leitura. Podemos incorrer no risco de “alienar” a leitura do aluno, pois o que ele irá ler da obra é aquilo que julgamos pertinente. As razões que leva um professor elencar esta ou aquela parte do texto, se deram no plano subjetivo, de acordo com o conhecimento de mundo dele, e não do aluno.

Um das razões para a adoção de atitudes dessa natureza pode ser o fator tempo. O professor precisa cumprir o plano curricular e realizar outras atividades que integram o calendário escolar, enfim, são várias questões que podem servir como entraves. Contudo, quando elegemos o texto literário, como objeto do ensino de língua, faz-se necessário traçar um plano que contemple grande parte dessas questões, com exceção dos eventos escolares. Um exemplo disso é que, a partir do texto literário, poderemos dar conta do ensino e aprendizagem da leitura, da escrita, da oralidade e dos conhecimentos linguísticos, pois a natureza do ensino, através da literatura, possibilita esse diálogo entre todos os eixos da língua. Além disso, o texto dará conta, também, das questões extralinguísticas, aquelas que não se resumem apenas a abordagem interna da língua, mas ao campo social e ideológico. Assim, a leitura assume um caráter que instiga o pensamento e a criticidade dos educandos, pois eles passam a enxergar o texto num processo dialógico. Quanto ao procedimento de leitura visando essa perspectiva, Souza e Cosson (2011, p.103) afirmam que:

É importante compreender que o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

Promover a prática do letramento literário é oferecer mais do que textos para serem lidos e avaliar, ao final, se todos realizaram a atividade solicitada. É uma prática que demanda interação do leitor com o texto, com outros interlocutores, com o seu universo individual e social. Não é um ato solitário, mas coletivo.

CONCLUSÃO

Podemos dizer que a contribuição proporcionada pela Crítica Sociológica não só para este trabalho, mas para a compreensão do fazer literário e suas condições, foi de relevante importância. Haja vista que, quer pela condição de crítico da literatura, quer de leitor, o fato é que não se pode desprezar a contribuição dessa corrente

para um melhor entendimento do texto literário. Não queremos sugerir que, para que as aulas de leitura ocorram de maneira profícua, seja necessário o professor levar à sala de aula um acervo de textos teóricos. De modo algum. O que se propôs foi, a partir da leitura, mecanismos de compreensão do texto literário, embasados na teoria Sociocrítica, que deve servir como apoio para que o docente elabore sua aula de leitura, ciente de que há vários modos de ler uma obra literária em sala. Vários aspectos e temas sociais podem ser objetos de reflexão, a fim de incentivar o aluno a enxergar que a literatura tem uma função, sobretudo, social. E que o texto literário não está alheio à sociedade e à época no qual é produzido.

REFERÊNCIAS

BORDINI, M. da Glória (Org.); SANSEVERINO, A. Marcos [et al.]. **Lukács e a Literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, 215p. (Coleção Teoria da Literatura; 1).

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 10ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008, 204p.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**: Estudo sobre a Dialética Marxista. Tradução: Rodnei Nascimento. Revisão de Tradução: Karina Jannine. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUNA, T. Simões e; MARCUSCHI, Beth. **LETRAMENTOS LITERÁRIOS: O QUE SE AVALIA NO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO?** Educação em Revista: Belo Horizonte, v.31, n.03, julho-setembro 2015, p.195-224. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v31n3/0102-4698-edur-135569.pdf>. Acesso em: 08/jun./2018.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da Leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

QUEIROZ, Raquel. **O Quinze**. 102ª – edição – Rio de Janeiro: Olympio, 2016.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES DO RS. **Artigo de 1915 reprovava participação das mulheres na política**. Publicação (periódico): A Encrenca. Data publicação: 24/jan./1915. Disponível em: http://www2.spm.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=348&cod_conteudo=3551. Acesso em: 02/nov./2017.

SILVA, M. C. Crítica Sociológica. In: BONNICI, T. ; ZOLIN, L. (Orgs.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. ampl. Maringá, PR: EDUEM, 2010, p. 177-188.

SOUZA, R. J.; COSSON, R. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula. São José do Rio Preto: Objetos educacionais do acervo digital da Unesp: 2011. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 30/maio/2018.